



Vinheta de abertura de “Sete Vidas” – Um resgate à memória afetiva¹

Suzana Maria de Sousa MATEUS²
Tamíz Freitas LOUREIRO³
Thiago SOARES⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Reconhecidamente como um dos gêneros mais populares da televisão brasileira, a telenovela reflete a produção midiática na categoria do entretenimento. Além de mostrar costumes e levantar questionamentos sociais, as novelas brasileiras constituem por si mesmas um retrato do comportamento social do telespectador brasileiro. Afinal, constituem um momento do dia a dia, no qual famílias se reúnem diante da TV para assistirem às produções. Neste trabalho, o objeto de análise é a vinheta de abertura da novela **Sete Vidas**, veiculada de segunda a sábado pela Rede Globo de Televisão, às 18h. Elaborada basicamente com cenas que remetem ao cotidiano e a pequenas conquistas da vida, a abertura permite a identificação do público a partir da sua própria vivência.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano; memória afetiva; novela; ritos de passagem; vinheta de abertura.

INTRODUÇÃO

A presença massiva da televisão no dia a dia dos brasileiros nos faz pensar sobre como o comportamento do público sofre interferência desse “modo de vida”. É praticamente impossível conseguir imaginar uma pessoa que não tem contato com a TV nos dias atuais. De fato, a realidade é distante, já que a maioria no país possui o bem de consumo. Os dados obtidos no último levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprovam esse retrato, já que em cerca de 95,1% dos lares brasileiros há pelo menos um televisor (Censo, 2010, p.114). A televisão tem o “poder” de atrair o telespectador para o seu universo assim como participa de sua rotina, ao funcionar como aparelho sempre presente no cotidiano.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Recém-graduada no Curso de Jornalismo do CAC-UFPE, email: suzanamateus09@gmail.com.

³ Recém-graduada no Curso de Jornalismo do CAC-UFPE, email: tamizloureiro@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do CAC-UFPE, email: thikos@gmail.com.



Segundo a Revista *About*⁵, as pessoas assistem televisão por seis motivos: conectar, saciar, descontrair, confortar, experimentar e escapar. Como mencionado anteriormente, o telespectador convive intensamente com o aparelho e pode perceber certas interferências na sua própria vida. Basta lembrar-se do dia de desfecho da novela Avenida Brasil, da TV Globo, em 19 de outubro de 2012. Na ocasião, ruas e avenidas de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro ficaram vazias e os bares apresentaram como atração da noite o último capítulo da narrativa.

O entretenimento é praticamente a base dos programas da televisão brasileira. A programação de todas as emissoras contempla a categoria em suas produções. Segundo a pesquisa da Abepec (Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais) e a definição de Marques de Melo, no Brasil, há três categorias:

A televisão brasileira é quase exclusivamente um veículo de *entretenimento*. Para cada 10 horas de programas exibidos, 8 se classificam nessa *categoria*. Complementarmente, ela dedica 1 hora a programas *informativos* (jornalísticos) e 1 hora a programas *educativos* ou especiais. (MELO, 1985, p. 79 apud SOUZA, 2004, p.39, grifo do autor).

Diante da supremacia da categoria do entretenimento na grade dos canais de televisão brasileiros, vale observar que dentre os gêneros⁶ de maior popularidade e rentabilidade que se encontram nesse grupo, está o da telenovela, que segundo Souza (2004, p.124), organiza-se em capítulos diários de 30 a 40 minutos com exibição ao longo de seis ou sete meses. No Brasil, a novela tem um tempero muito particular, o que a difere em alguns aspectos das *soap operas* americanas. Baseado em estudos da área, o autor coloca que aqui é desenvolvido um texto que “estimula a interação familiar cotidiana até quando come, lê e conversa, possibilitando ao telespectador deixar de assistir alguns capítulos sem perder a sequência da trama” (SOUZA, 2004, p.121).

Aproveitando essa colocação, é possível traçar o paralelo com a atual novela das 18h, Sete Vidas, veiculada na TV Globo, a qual traz em sua narrativa temáticas bastante humanizadas, possibilitando ao telespectador tomar posicionamento sobre elas, a depender do seu ponto de vista. Escrita por Lícia Manzo e com a direção de núcleo e geral de Jayme Monjardim, a novela estreou no dia 09 de março de 2015 e tem como tema motivador a doação de sêmen para fertilização artificial. O folhetim é de fácil acompanhamento, e mesmo assim, traz questões de certo modo ainda “polêmicas” nos

⁵ Revista About – Seis razões principais pelas quais as pessoas assistem à televisão. IN: **Super Guia de Mercado**. TV Rio Sul, 2014/2015, p. 16.

⁶ Sobre os gêneros, utilizamos a definição de Aronchi de Souza (2004, p. 44, grifo do autor) baseada na visão de Martín-Barbeiro, colocando-os como: “*estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos*, articulados com as dimensões históricas de seu espaço de produção e apropriação”.



dias atuais como as novas configurações familiares, a partir de uma abordagem respeitadora às diferenças e inteiramente comprometida com a causa.

Os desdobramentos se dão a partir do encontro dos meios-irmãos de um doador desconhecido através de um site. Cada um desses irmãos tem uma vivência específica e mesmo assim começam a se relacionar e se descobrem ao longo dos capítulos, com suas diferenças e semelhanças, mas preservando o laço que os une. Uma das cenas que retratou isso foi veiculada no dia 14 de maio (com a antológica duração de 06 minutos e 19 segundos), na qual mesmo após se desentenderem, eles decidem se encontrar num parque de diversões. O passeio é um tanto inusitado, visto a diferença de idade entre eles (o mais velho tem cerca de trinta anos e o mais novo – único concebido de forma natural – tem menos de dois), mesmo assim, cada um deles se entrega ao momento.

A singularidade vai além das cenas e é uma constante também na trilha sonora, que reúne músicas bastante conhecidas como *All star*, de Cássia Eller; *Epitáfio*, de Titãs; *Pais e filhos*, de Legião Urbana e outras. E a vinheta de abertura, objeto de estudo dessa pesquisa é responsável por dar o alinhavo a essa mensagem transmitida sobre a importância de valorizar as pequenas coisas da vida, que vão desde o momento estressante no engarrafamento ao inesquecível banho de chuva tomado na infância. Essas cenas traduzem alguns momentos dos personagens bem como os dos telespectadores que se enxergam no que já viveram ou no que estão vivendo. A música *What a Wonderful World*, na versão de Tiago Iorc, foi a escolhida para a abertura.

Diante das potencialidades da vinheta de abertura, o trabalho encontra seu principal objetivo que é o de perceber como o público recorre à sua memória afetiva, a partir das cenas exibidas. A intenção secundária é observar de que modo é transmitida a mensagem do *carpe diem*. Para isso, a metodologia adotada foi: a pesquisa bibliográfica sobre os temas relacionados à imagem e vinheta; a análise minuciosa da abertura e por fim a elaboração de um questionário para colocar como os telespectadores se enxergam através dela.

Eternizar momentos em imagens

As imagens nos rodeiam incessantemente e nas suas mais variadas formas, desde um sonho que nos parece uma realidade inatingível até aquilo de mais concreto que contemplamos no dia a dia. Aliás, o termo é mesmo tão utilizado de forma “íntima” por todos que chega a ser difícil delimitá-lo completamente, mesmo que se consiga pensar



em muitos dos seus usos. A autora Martine Joly (1996, p.13) ajuda a simplificar, ao dizer que: “indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece”.

Uma das definições mais antigas sobre as imagens foi elaborada por Platão, que as chama “em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície de corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações do gênero” (PLATÃO, 1949 apud JOLY, 1996, p.14). Nesta definição em específico, percebe-se que o autor se referiu particularmente às imagens naturais. Mas assim como essas, as artificiais (produzidas pelo ser humano com o auxílio de algum instrumento) também possuem o caráter duplo já previsto na elaboração platônica. Como argumenta Lucia Santaella (2012, p.12), tanto as imagens naturais como as artificiais reproduzem “características reconhecíveis de algo visível”.

Dentro do vasto território da imagem, que ainda segundo a autora (2012, p.13), encontra três domínios principais (as mentais, as perceptíveis do mundo visível e as representações visuais), interessa-nos nesta pesquisa o terceiro. Neste campo, elas correspondem a “desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas”.

Vale ressaltar que as “representações visuais”, uma vez produções dos seres humanos, dizem muito culturalmente sobre as sociedades às quais pertencem. De acordo com Santaella (2012, p.15), nesta classificação, há imagens fixas, em movimento ou animadas. No caso do nosso objeto de estudo, estamos diante de uma produção feita a partir de cenas em movimento, que através da velocidade da projeção, exhibe imagens fotográficas gravadas com câmeras, dando a ilusão de movimento contínuo.

A interpretação desses trechos retratados em exibição contínua se dá de maneira particular, produzindo sentido em cada um de nós, seja por situações bastante banais como aquelas mais elaboradas e que requerem um pouco mais de reflexão. Assim como as representações visuais são um produto cultural, a sua compreensão também o é, a qual se concretiza por meio das relações com o outro e com o mundo exterior, e assim construímos nossa própria história. Como afirma Bruner (1997, p.23 apud MACIEL, 2012, p.29), a vida só é diária porque é a vida “com”, a cultura, a linguagem, resultante de toda essa partilha de significados e conceitos. Portanto, o ato de compreender imagens é cultural e colabora para que entendamos a nós mesmos.

E se, por acaso, a realidade abordada através de sons e imagens nos pareça inatingível, temos a capacidade de trazê-la ao universo da nossa própria experiência, conforme elabora Echeverría (2007, p.204 apud MACIEL, 2012, p.32). Aliás, nossa própria memória ajuda a compreender esse processo, afinal sua arte se baseia, segundo o que afirma Philippe Dubois (2012, p.314), “no jogo de duas noções completamente fundamentais, todo o tempo retomadas em todos os tratados: os lugares (*loci*) e as imagens (*imagines*)”. Ele complementa a ideia ao afirmar que as fotografias como equivalentes visuais das lembranças formam a nossa memória.

Como aponta Roland Barthes (1984, p.31-32), no nosso contato diário com as imagens por todas as partes, é nítido que algumas delas nos provocam certa inquietação acerca do que retratam e outras simplesmente passam indiferentes aos nossos olhares. São exatamente essas sensações que determinam as duas terminologias cunhadas pelo autor como *studium* e *punctum*:

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*) que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena. [...] A esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então de *punctum*. [...] O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere). (BARTHES, 1984, p. 45-46).

Após essa explicação bastante didática, Barthes (1984, p.85) acrescenta que o *punctum* (o que nos instiga nesta pesquisa), é algo que já está na foto e que o *Spectator* (o observador) acrescenta a ela, como um suplemento. Mesmo em se tratando de uma vinheta de abertura, com imagens em movimento (e não fixas como as fotografias debatidas pelo autor), acreditamos que o processo não difere muito para o telespectador que se depara com as cenas reunidas e se interessa mais particularmente por alguma delas. Afinal, como o próprio Barthes coloca (1985, p.86), no cinema (o qual também é constituído por imagens em movimento), há um campo cego, no qual se sabe que o personagem continua a viver após sair da tela. E, no universo da fotografia, a partir do instante em que um *punctum* é encontrado nela, também se cria esse campo cego. Portanto, a aproximação de conceitos é válida e permite que, diante da abertura, mesmo que haja uma admiração geral, a pessoa ache um *punctum* numa determinada cena, relacionando-a com sua própria experiência de vida.

Dessa forma, através de um procedimento bastante subjetivo, percebe-se que a fotografia, e a própria imagem num sentido mais amplo, provoca no indivíduo certo



“incômodo”, o que faz com que ele revire nas suas lembranças algo que possa justificar essa reação. Para concluir como esse comportamento é característico em cada indivíduo, faz-se necessário trazer o exemplo da “Fotografia do Jardim de Inverno”, que retrata a mãe de Roland Barthes de forma singular e extremamente fiel ao ser humano que ela fora, segundo o próprio. Entretanto, mesmo ao fim da obra “A Câmara Clara”, durante a qual ele faz diversas menções à fotografia em questão, não há o seu compartilhamento com o leitor. Atitude justificável, já que por mais que o retrato nos tocasse de maneira especial, não conseguiria passar exatamente o que provocava no autor. Após debater essas características próprias da imagem e sua recepção, faremos a seguir uma explanação sobre a vinheta.

Vinheta de abertura: conceito e evolução

Novelas, programas e séries de TV costumam ter sempre o que comumente chamamos de “abertura”: uma sequência de cenas, em animação ou não, acompanhada por uma trilha sonora que apresenta ao telespectador os créditos da produção e, no caso das novelas e séries, o nome do elenco. Esse conjunto de elementos simbólicos, escolhidos para abrir caminho para a atração, tem o papel de construir uma identidade visual e sonora para o produto, além de ajudar o público a se localizar e a ter uma ideia do que trata o conteúdo que será exibido em seguida.

Caso se trate de um programa para crianças, por exemplo, logo o conjunto faz referência ao universo infantil. Isso fica evidente em programas como a TV Globinho. Pertencente à Rede Globo, a atração, de 1976 a 2014⁷, sempre contou em sua “abertura” com animações, alusões a brincadeiras e à imaginação, muitas cores e uma trilha sonora despojada. Já o Auto Esporte⁸, que faz parte da grade da mesma emissora, deixa claro desde o início que a sua abordagem está associada ao automóvel, à velocidade, à máquina e à automação. A nomenclatura correta para esse tipo de estratégia de apresentação de conteúdo chama-se, na verdade, “vinheta de abertura”.

De acordo com Aznar (1997), o termo vinheta remete a um passado histórico e a anos de evolução e adaptação a diversos meios, inclusive à TV. A palavra vinheta é derivada de vinha, uma plantação de videiras. A videira foi um dos grandes símbolos do Antigo Testamento Bíblico: representava a relação entre Deus e o povo. Dessa forma, o

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H5KKppmzl3o>. Acesso em 25/05/2015.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4GsMgdHWBqA>. Acesso em 25/05/2015.



autor nos conta que a vinha, de caráter oral-simbólico na antiguidade, passa a ser simbólico-gráfica nas iluminuras, uma expressão gráfica do texto sagrado da Idade Média. A videira ganha, assim, o caráter ilustrativo e passa a adornar as escrituras que, “no intuito de chamar a atenção do leitor para o conteúdo do texto sagrado, apresentava-se revestida com vários elementos decorativos gráficos. Essas representações visuais alegóricas, que ornamentavam as iluminuras, eram as vinhetas” (p.23).

Neste sentido, a vinheta surgiu para tornar mais atraente o conteúdo, seja das iluminuras, do livro ou do rádio. Por isso, numa tentativa de garantir audiência e de se preocupar cada vez mais com o espetáculo, a TV vai em busca de estratégias visuais e acaba por adaptar a vinheta ao seu formato. Ainda segundo Aznar (1997), as vinhetas ganharam espaço na TV brasileira em 18 de setembro de 1950, durante a inauguração da PRF-3 TV Difusora (que depois se tornaria a TV Tupi de São Paulo). Classificam-se em: fantasiosas, promocionais e de mídia. De uma maneira geral, todas elas são “fantasias visuais que estão presentes no vídeo levando aos telespectadores momentos de emoção, ação e criações artísticas” (AZNAR, 1997, p.51).

Para esta pesquisa, porém, interessa-nos apenas a vinheta classificada como fantasiosa, ou de abertura. Como já esclarecemos no início deste texto, este tipo é aquele que aparece no início de um programa, série ou novela. Seu formato tem algumas similaridades com outro produto típico da mídia visual: o videoclipe. Ambos são constituídos por imagens e vendem música através de sua produção. No caso das novelas, os lucros sempre foram bons o suficiente para que a emissora lançasse todos os anos um CD com a trilha sonora completa, geralmente incluindo o tema de abertura. Além disso, depois de serem ouvidas diariamente pelo público, as músicas-tema tendem a se tornar sucesso nas rádios e a marcar memória afetiva do telespectador, que passa a associar as canções à novela.

Tendo isso em vista, tanto o videoclipe quanto a vinheta de abertura funcionam como as embalagens dos produtos aos quais estão ligados: são sempre encomendados para transmitir, mesmo que minimamente, a narrativa que representam. Desta forma, a vinheta, que a princípio surgiu para atrair o público através da decoração, passa também a ter a função de informar. No entanto, cabe destacar que a vinheta de abertura não comunica ou interpreta com exatidão o produto ao qual está associada. Ao nos depararmos com ela numa telenovela, por exemplo, não teremos condições de apreender o enredo da trama em sua totalidade, até mesmo porque sua função não é esta.

Seu papel se configura apenas em dar uma identidade visual e sonora à produção, além de apresentar os créditos dos autores, diretores e elenco antes do início do capítulo (a equipe técnica de estúdio costuma ser mostrada no encerramento). Entretanto, geralmente é possível ter uma ideia da(s) temática(s) que novela aborda usando como referência a vinheta de abertura. Por isso mesmo, colocamo-nos opostos à afirmação de Aznar (1997) quando ele sugere que “a vinheta eletrônica não ajuda o telespectador a ter uma leitura da novela” (p.118).

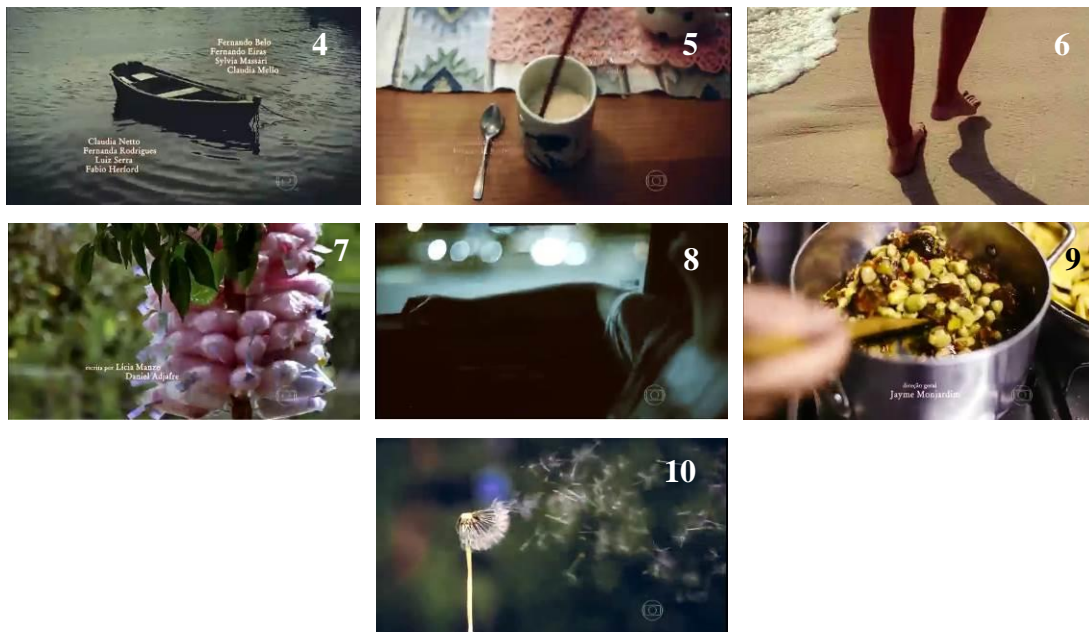
Isto porque no nosso objeto de pesquisa – a vinheta de abertura da novela *Sete Vidas* – algumas das cenas retratadas são sobre temáticas da novela, por exemplo, a inseminação artificial. Logo, pode-se sim ter uma leitura do conteúdo que virá em seguida, mesmo que não de maneira plena. Para darmos continuidade a essa discussão, no tópico seguinte, iremos descrever os detalhes dessa vinheta, enfatizando como se dá a sequência de imagens e como elas encontram respaldo na música, além de verificar a mensagem que esse conjunto busca passar para o público.

Descrição da vinheta de abertura da novela *Sete Vidas*

A vinheta de abertura de *Sete Vidas* tem duração de 01 minuto e 08 segundos⁹ e foi criada por Alexandre Romano. O produto é composto por uma sequência de imagens em movimento, que mostram cenas banais do cotidiano: um gato a olhar o observador, uma criança apertando o botão do elevador, a paisagem pela janela do avião, um barco, o café sendo colocado na xícara, passos na praia, algodão doce, a janela de um ônibus ou carro, o preparo da comida, o dente-de-leão se desfazendo com o vento, dentre outras. De acordo com o criador, o tema central são as fases da vida “mostradas em pequenos detalhes que nos passam despercebidos, mas compõem nossa memória afetiva”. Ainda segundo ele, a sequência é fruto de cenas reais, feitas durante o cotidiano dos envolvidos na criação – que passaram meses filmando o próprio dia a dia, mas também é resultado de situações preparadas com antecedência.



⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jbu18WJR2gU>. Acesso em 25/05/2015.



- 1) Gato (Reprodução/Internet)
- 2) Botão do elevador (Reprodução/Internet)
- 3) Janela do avião (Reprodução/Internet)
- 4) Barco (Reprodução/Internet)
- 5) Café (Reprodução/Internet)
- 6) Caminhar na praia (Reprodução/Internet)
- 7) Algodão doce (Reprodução/Internet)
- 8) Janela do ônibus/carro (Reprodução/Internet)
- 9) Comida (Reprodução/Internet)
- 10) Dente-de-leão (Reprodução/Internet)

A música que acompanha a sucessão de imagens é *What a Wonderful World*, gravada originalmente por Louis Armstrong, em 1967, que ganha uma nova roupagem na voz de Tiago Iorc. A canção se encaixa na proposta da vinheta, já que também trata de temas comuns, como olhar as árvores e o céu, achar o mundo maravilhoso e perceber a grandeza de alguns gestos sutis, como perguntar ao outro como ele está. Em conjunto com isso, o som do violão e a voz em eco do cantor passam a ideia de calma e simplicidade que encontra respaldo nas imagens. Ao todo, 87 cenas são mostradas, algumas mais rápidas (como acontece com as bolhas de oxigênio), outras num ritmo mais lento (como alguém andando de bicicleta). Todas elas, entretanto, não duram mais de um segundo. Passam num piscar de olhos, como costumamos nos referir à vida.

Todos os planos capturados são fechados, mostram um detalhe apenas, uma fatia do todo (figura 11). Além disso, há uma tentativa de plano em primeira pessoa, com a câmera posicionada de modo a dar a impressão de que o observador executa a ação (figura 12) ou é ele quem percebe a sutileza mostrada. De modo geral, as imagens

constituem uma espécie de micronarrativa das trivialidades cotidianas que se aproximam das nossas lembranças, aquelas mais importantes, que geralmente estão associadas a ritos de passagem (como se formar e jogar o capelo para o alto – figura 13; soprar as velinhas do bolo; ver o bebê na tela do ultrassom) e aquelas mais corriqueiras (como apertar o botão do semáforo – figura 14).



- 11) Banho de chuva (Reprodução/Internet)
- 12) Bicicleta (Reprodução/Internet)
- 13) Formatura (Reprodução/Internet)
- 14) Botão do semáforo (Reprodução/Internet)

A construção dos planos com filtros fotográficos num estilo retro concedem à produção uma atmosfera nostálgica, que faz referência à lembrança, à saudade e à infância, só pra citar algumas nuances. Poderíamos dizer que é uma vinheta que se assemelha a alguns filmes, como *A Árvore da Vida* (2011) e *Boyhood* (2014). Em relação ao primeiro longa, a semelhança reside na alusão às árvores como a representação da família e nas buscas pela origem e pelo significado da vida. Já *Boyhood* foi um filme gravado durante doze anos e carrega muitas cenas que vemos na vinheta de abertura de *Sete Vidas*. Como o produto de nossa análise, o filme mostra ritos de passagem, mas também concede espaço para situações banais.

A memória afetiva dos telespectadores de Sete Vidas

What a Wonderful World! Em outras palavras, “que mundo maravilhoso”? Esse não só é o título da música que cobre as imagens da vinheta de abertura, como também serve como resumo dela por completo. Afinal, como foi descrito anteriormente, há a

menção de vários momentos importantes e outros que não são tão valorizados na vida de um indivíduo e isso é uma constante também para os telespectadores, pois muitas das cenas retratadas são vividas por eles.

Para compreender melhor, basta tomar o exemplo dos cinco sentidos do corpo humano. Pode até parecer bobagem, mas a descoberta de cada um deles é, para nós, vitórias pessoais, conquistas a serem comemoradas. Referentes ao tato, na vinheta, são usadas imagens de contato com superfícies em geral e ainda um momento bem anterior, talvez o primeiro, o contato com o outro (o toque das mãos de um bebê com as da sua mãe). Ao paladar, entre muitas, podem ser associadas as cenas que mostram o rotineiro café com leite matinal, o saudoso algodão doce da infância e os grãos cozinhando na panela, os quais também são relacionados ao olfato. Aliás, esse é um dos sentidos de maior representação na vinheta de abertura, afinal, além das coisas que possuem um cheiro já conhecido, há outras que também ativam a nossa memória (como o cheiro do banho, da terra molhada após a chuva e etc.). A audição tem essa mesma capacidade e os sons que ficam guardados na mente são desde aqueles que sempre nos agradaram (a conhecida música dos “parabéns” antes de soprar as velinhas), passando por os que não são tão agradáveis para muitos (buzinas no trânsito do dia a dia), sem esquecer-se daqueles que aprendemos a conviver e nem damos tanta importância (o nosso próprio silêncio, por mais irônico que possa parecer). Por fim, chega-se à visão, por meio da qual tudo o que se falou e o que está retratado na abertura pode ser catalogado na nossa memória e ficar nela por muito tempo, às vezes, eternamente.

A reflexão é altamente extensa, como se pode perceber, já que só com o exemplo dos “cinco sentidos” todas essas características puderam ser levantadas. A abertura rememora também os momentos íntimos na memória das pessoas. Neste ponto, conforme foi adiantado, fez-se necessária a aplicação de um questionário. Nele, houve perguntas gerais como (nome, faixa etária, sexo, grau de instrução e cidade onde mora), mas também outras mais específicas para a pesquisa (com que frequência assiste TV, se acompanha alguma novela, se já viu algum capítulo de Sete Vidas, se viu a vinheta de abertura anteriormente e se alguma cena exibida nela remetia a algum momento vivenciado). Do total de doze perguntas, duas delas foram mais voltadas à parte qualitativa (qual cena da abertura houve maior identificação e qual momento vivenciado possui relação com o trecho escolhido).

Antes de irmos aos resultados encontrados através dos questionários, faz-se necessário pontuar alguns tópicos. O questionário foi disponibilizado via *Google*,



através da ferramenta “Formulários”, no período de 21 a 25 de maio. Ao todo, foram 40 respostas. Abaixo, destacaremos os dados mais significativos para corroborar o argumento de que a vinheta de abertura de Sete Vidas permite que os telespectadores recorram às suas memórias afetivas e se lembrem de momentos especiais das suas vidas. O questionário foi enviado para pessoas de idade a partir de seis anos, sem uma limitação de faixa etária. Faz-se a ressalva de que as crianças que responderam às questões foram acompanhadas dos seus pais, para facilitar o manuseio do suporte no qual o formulário foi exibido e até mesmo para marcar ou escrever suas respostas.

- Colaboraram com o questionário, pessoas pertencentes às faixas etárias a seguir: **6 – 12 anos** (03) ou 7,5%; **13 – 17 anos** (01) ou 2,5%; **18 – 24 anos** (20) ou 50%; **25 – 40 anos** (14) ou 35% e **Acima de 40 anos** (02) ou 5%.
- Quanto ao sexo, os entrevistados se dividiram em: **Masculino** (21) e **Feminino** (19). Sendo, portanto, 52,5% homens e 47,5% mulheres.
- Quanto à frequência que assistem TV, responderam: **Nenhuma** (04) ou 10%; **Uma a duas vezes por semana** (11) ou 27,5%; **Três a quatro vezes por semana** (06) ou 15% e **Diariamente** (19) ou 47,5%.
- Sobre já terem assistido à abertura de Sete Vidas anteriormente ao questionário, os participantes afirmaram que: **Sim** (16) ou 40% e **Não** (24) ou 60%.
- Dos 40 entrevistados, 38 deles, após informarem qual cena se identificaram, responderam se a mesma remetia a algum momento da sua vida. Em números, os resultados foram: **Sim** (30) ou 75% e **Não** (10) ou 25%.

Algumas linhas gerais merecem ser dedicadas acerca dos dados acima, antes de trazermos à discussão os depoimentos mais significativos. Mesmo a grande maioria (60%) do público tendo afirmado que não havia assistido à abertura antes do momento da pesquisa, todos se mostraram aptos a responderem os questionamentos mais complexos. Vale ressaltar que, das 30 pessoas que afirmaram ter se lembrado de algum momento a partir da cena escolhida, apenas 01 delas não o descreveu na última pergunta. Outra observação é sobre 01 das pessoas que marcou “não” nessa mesma questão e explicou no último item que a imagem com a qual mais se identificou tratava-se de um desejo para o futuro.



Por fim, abre-se o espaço para o destaque a alguns dos depoimentos que recebemos através do questionário. Abaixo, confira as cenas escolhidas e os depoimentos na íntegra dos que nos ajudaram a desenvolver essa pesquisa:

- Daniel (Algodão doce): “A cena me faz reviver minha infância. No bairro onde eu cresci, era muito comum a presença de vendedores ambulantes de algodão doce. Sempre que eu pedia, minha mãe comprava um”.
- Guilherme Daguir (Comida): “Me lembra da minha mãe, que faz uma ótima comida e isso é uma parte bem importante da convivência e integração da família. Lembra os momentos de natal e feriados, onde às vezes o resto da família passa pela cozinha e ajuda em algo, tornando aquilo bem especial, o estar junto”.
- Gabriel de Macedo (Botão do elevador): “Eu tinha acabado de me mudar de Fortaleza para São Paulo, deixando a casa de meus pais para ingressar, aos 24 anos, em um trabalho diferente após a minha colação de grau na universidade. Sempre tive uma fascinação muito grande por prédios antigos e nesta nova cidade encontrava muitos. Me encanta também a época que esses primeiros prédios foram levantados nesse contexto, nos anos de 1960. Achei curioso o que uma criança pode ter vivido nesta época, enquanto que eu não tive, em Fortaleza, a oportunidade de conhecer um elevador como esse até minha idade de jovem adulto”.
- Giovanna Diniz (Janela do avião): “A cena me lembrou a minha primeira viagem de avião. O voo foi durante a madrugada e ver Recife se transformar em pequenas luzinhas foi maravilhoso. Lembrar desse momento no qual a felicidade e ansiedade se misturavam me deixa bem alegre”.
- Mário Rolim (Dente-de-leão): “A cena do dente-de-leão me traz lembranças boas porque sempre que vejo um, me lembro da época em que morava em Campinas, durante minha infância, e costumava correr por um dos vários campos da UNICAMP só pra ver os dentes-de-leões se desmanchando, parando de vez em quando para se abaixar e soprá-los, um por um”.
- Larissa (Café): “Meu cotidiano. Tomar café com leite me remete a uma atividade diária. No entanto, há outras nas quais percebo fazerem parte da minha vida, ainda que não sejam repetidas na mesma frequência”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, chegamos à conclusão de que atingimos o objetivo de analisar como a memória afetiva é resgatada na mente dos telespectadores a partir da vinheta de abertura da novela *Sete Vidas*. Chegamos a esse resultado através do questionário feito com pessoas que acompanham ou não a novela, mas que, em ambos os casos, se identificaram de alguma forma com a sequência de imagens, geralmente fazendo alguma referência às suas recordações pessoais.

Vale destacar que esse resgate pode ser percebido em pessoas de diferentes faixas etárias, já que desde os primeiros anos de nossas vidas passamos a construir nossa memória. Um dos participantes de nossa pesquisa, Gustavo Bezerra, tem apenas seis anos de idade e mesmo assim conseguiu identificar nas cenas da vinheta elementos que remetem às suas vivências. Quando questionado sobre qual a cena que mais lhe chamou atenção, o garoto respondeu que seria a do gato, que trazia para ele a lembrança de dois outros animais que já viveu sob os seus cuidados.

Apesar de chegarmos a esse resultado, é importante frisar que tivemos dificuldades ao longo do caminho. Algumas pessoas não colocaram seu nome completo no questionário, como havíamos exigido, e a pesquisa foi feita em um prazo muito curto, o que impossibilitou que quantidades semelhantes por faixas etárias fossem entrevistadas. Esses detalhes, no entanto, não invalidam a nossa conclusão, apenas servem de reflexo para próximas pesquisas da mesma natureza. Por fim, acreditamos ser interessante a contribuição que o trabalho deixa para o campo de estudos audiovisuais, permitindo uma discussão ao mesmo tempo atual e importante tanto para pesquisadores quanto para os telespectadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

AZNAR, Sidney. **Vinheta**: do Pergaminho ao Vídeo. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOYHOOD. Direção: Richard Linklater. Estados Unidos. Produção: IFC Productions, Detour Filmproduction, 2014. 165 minutos, inglês.



Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. ISSN 0104-3145. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 2012.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

JORNAL NACIONAL. Brasil para no último capítulo de Avenida Brasil. 20 out. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/10/brasil-para-no-ultimo-capitulo-de-avenida-brasil.html>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

MACIEL, Silvia Fernanda de Medeiros. **Retratos dos dias: a produção de sentidos na vida cotidiana de crianças**. 2012. 214 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br:8080/handle/123456789/11299>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

MORAES, F.; Barros, Vladimir. **A História de Mim**. 2014. Site reportagem multimídia sobre memória.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SCHIAVONI, Jaqueline. **Vinheta televisiva: usos e funções**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 35, p. 91-106, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/68162/70715>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

SETE VIDAS. Abertura de Sete Vidas traz pequenas cenas que remetem a nossa memória afetiva. Rio de Janeiro, 09 mar. 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/index.html>>. Acesso em: 16 mai. 2015.

SILVA, Dionatan da. **Vinheta de Abertura da Série Brasileira “A Vida Alheia”**: Antecipando temas, construindo sentidos. 2011. Trabalho apresentado como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Federal de Santa Maira, Santa Maria, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/4025/1/21006533.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

SOUZA, José de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2004.

THE Three of Life. Direção: Terrence Malick. Estados Unidos. Produção: Cottonwood Pictures, River Road Entertainment, Brace Cove Productions, Plan B Entertainment, 2011. 139 minutos, inglês.

TV RIO SUL. **Super Guia de Mercado**. 2014/2015. Disponível em: <<http://www.comercialonline.tv.br/Imagens/Diversos/Audiencia-TV-2014.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2015.